



OECD Communications Outlook 2009

Summary in Portuguese

Uma visão sobre as comunicações na OCDE 2009

Sumário em Português

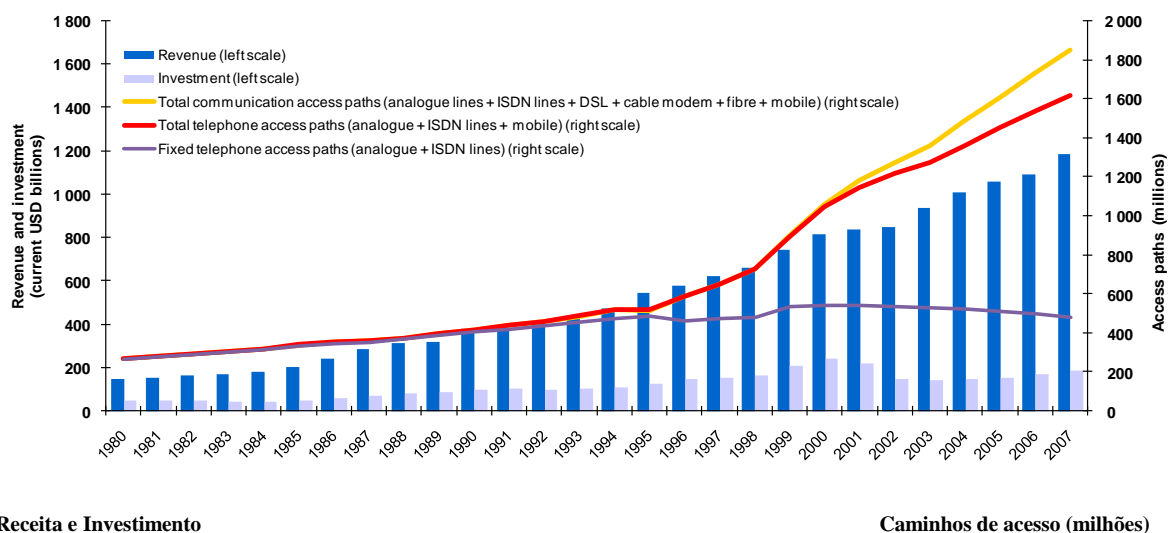
- Esta décima edição da bienal *Uma Visão sobre as Comunicações na OCDE* destaca transformações no sector e investimento nas redes de comunicação de nova geração.
- Pormenoriza o forte e constante crescimento das assinaturas e receitas no sector das telecomunicações apesar dos preços em baixa para os utilizadores finais.
- Esta edição observa igualmente temas que abordam a expansão da Internet e igualmente como estão a evoluir os mercados de broadcasting relativamente às redes de dados de alta velocidade. Esta edição de *Uma Visão sobre as Comunicações na OCDE* observa igualmente as tendências-chave regulamentares concebidas para incentivar a concorrência e o crescimento.

O “upgrade” para as redes de nova geração (fixas e sem fios)

De um modo geral, as empresas de telecomunicação que sobreviveram ao rebotamento da “bolha dot-com” no ano 2000, emergiram mais fortes e mais ágeis que antes. Esta agilidade foi-lhes muito útil quando tiveram que enfrentar alterações dramáticas nos mercados de telecomunicação. Os operadores de comunicação continuam a actualizar as suas redes de forma a se manterem competitivos e aumentarem as suas receitas. Os fornecedores de linhas fixas e por cabo estão a investir em infra-estrutura de fibra óptica e os portadores sem fio estão a comprar novos “upgrades” de interfaces rádio para oferecerem serviços de dados com velocidade mais alta.

Esta transformação tem sido fomentada pelo investimento. Em 2007, o investimento nas telecomunicações chegou aos 185 mil milhões de dólares americanos, um aumento de 9% anual desde 2005 (ver Figura 1). Nos últimos quatro anos assistiu-se a um aumento de investimento, em nítido contraste com o forte declínio de investimento observado entre os anos 2000 e 2003.

Figura 1. Tendências das receitas das telecomunicações públicas, investimento e caminhos de acesso



Receita e Investimento

Caminhos de acesso (milhões)

(actuais mil milhões de dólares americanos)

- Receita (escala esquerda)
- Investimento (escala esquerda)
- Total dos caminhos de acesso das comunicações (linhas analógicas + linhas ISDN + DSL + cabo modem + fibra + móvel) (escala direita)
- Total dos caminhos de acesso de telefone (analógica + linhas ISDN + móvel) (escala direita)
- Caminhos de acesso de telefones fixos (analógica + linhas ISDN) (escala direita)

O investimento nas infra-estruturas de comunicação tem um papel cada vez mais importante no investimento total dentro de um país. Em 2007, o investimento nas telecomunicações aumentou para 2.2% da formação bruta de capital fixo na OCDE e os operadores de telecomunicações encontram-se frequentemente entre os maiores investidores privados nas suas respectivas economias.

Apesar do forte crescimento registado durante o ano de 2007, é provável que a crise financeira mundial que evoluiu entre 2008-2009 trave os planos de investimento de muitos operadores e possa abrandar os planos de investimento nas redes básicas. A crise pode igualmente ter um impacto negativo num certo número de novas entradas que dependem do acesso ao capital para poderem expandir-se e competir com operadores melhor estabelecidos. Alguns governos, reconhecendo a importância económica das redes de banda larga, estão a investir na extensão e actualização do acesso de alta velocidade como parte dos pacotes de incentivos fiscais.

Aumento de receitas constante

Cada vez mais, as pessoas dependem dos serviços de telecomunicação para interagirem social e economicamente. Nas duas últimas décadas, a percentagem do orçamento familiar atribuída aos serviços de comunicação aumentou relativamente a outras áreas orçamentais. Os agregados familiares dedicam uma média de 2.2% dos seus orçamentos aos serviços de comunicação, sublinhando a procura de serviços mesmo durante períodos de contracção económica.

O Mercado das telecomunicações é um mercado de 1.2 biliões de dólares americanos na OCDE (ver figura). Desde 1990, os mercados de telecomunicações expandiram-se a uma taxa de crescimento anual bastante constante de 6% desde 1990, mesmo durante períodos de contracção económica. O facto de os operadores terem podido manter níveis de crescimento históricos face à queda dos preços das chamadas “por minuto” mostra uma capacidade de adaptação a condições de mercado que se alteram rapidamente e desenvolver novas fontes de rendimentos.

A voz continua a ser a maior fonte de receitas dos operadores apesar da queda dos preços das chamadas, tanto nas redes fixas como nas móveis. Em 2007, as receitas dos serviços móveis constituíam 41% do total de receitas de todas as comunicações na OCDE, ultrapassando os 22% apenas uma década

antes. Actualmente, há dez países cujos sectores móveis são maiores que o sector fixo, em termos de receitas.

Aumento de assinaturas

Nos últimos dois anos, houve duas áreas que registaram maior crescimento nos serviços de telecomunicações — redes móveis e de banda larga. Em 2007, as assinaturas de redes móveis e de banda larga, em conjunto, alcançaram a percentagem de 74% no total de todas as assinaturas de comunicações. Só a rede móvel constitui 61% de todas as assinaturas enquanto que as linhas de telefone normais registaram uma queda na ordem dos 26%. Trata-se de uma reviravolta dramática desde 2000, ano em que eram mais os assinantes de linhas de telefone fixas que de móveis.

O número total de assinaturas de serviços fixos, móveis e de banda larga na OCDE aumentou para 1.6 mil milhões em 2007 para um pouco mais de mil milhões de habitantes (ver figura). Para enfatizar a forma como a nossa capacidade para comunicar se alterou, em 2007 havia sete caminhos de acesso para cada um dos acessos existentes em 1980. O aumento a pique sublinha o crescimento da indústria de telecomunicações ao longo deste tempo.

As assinaturas de serviços móveis aumentaram a uma taxa composta de crescimento anual de mais 10% que nos dois anos precedentes, elevando o número de assinaturas de serviços móveis da OCDE para 1.14 mil milhões em 2007. Tal corresponde a uma taxa efectiva de penetração de 96.1 assinantes de serviços móveis por cada 100 habitantes. A Itália possuía a taxa de penetração mais elevada com 151 assinantes por cada 100 habitantes e apenas nove países possuíam menos de uma assinatura por pessoa.

O crescimento dos serviços móveis tem sido forte, mas a transição dos assinantes para redes móveis de terceira geração demorou mais tempo do que o originalmente planeado. Desde 2007, apenas 18.2% dos assinantes móveis participados na OECD mobile se encontravam em redes de terceira geração.

Outra área de crescimento proeminente tem sido a banda larga. A banda larga é agora o método de acesso fixo predominante em todos os países da OCDE. Em 2005, as ligações dial-up ainda constituíam 40% das ligações de Internet fixas, no entanto, apenas dois anos mais tarde, a percentagem tinha caído para 10%. A ligação dial-up quase que desapareceu na Coreia onde agora corresponde a pouco mais de duas para cada 1 000 ligações de Internet.

O crescimento das assinaturas de banda larga ajudou igualmente a proteger os operadores de linhas fixas de uma perda de linhas mais dramática e aumentou o valor das redes por cabo a nível mundial. O número de caminhos de acesso de banda larga aumentou nos últimos quatro anos. A DSL continua a ser a tecnologia líder de banda larga, constituindo 60% de todas as assinaturas de banda larga em Junho de 2008. As ligações por cabo representam 29% enquanto que as ligações baseadas em fibras representam 9%. Os restantes 2% das ligações são em linhas sem fios fixas, de satélite e banda larga em linhas eléctricas.

No ano de 2008 assistiu-se igualmente a uma mudança significativa no que

respeita às tecnologias de banda larga fixa. Em Junho de 2008, o Japão e a Coreia tornaram-se os dois primeiros países a ter mais assinaturas baseadas em fibra que DSL ou cabo.

Preços em queda

O impressionante crescimento de assinaturas entre 2005 e 2007 reflecte, em parte, ofertas de preços mais atraentes por parte dos operadores. Os preços dos serviços de comunicação têm apresentado uma tendência para baixarem ao longo do tempo e em todas as plataformas.

Nos últimos 18 anos, os utilizadores residenciais viram o preço real do serviço de linha telefónica fixa residencial baixar aproximadamente 1% por ano, enquanto que os preços para empresas baixaram 2.5% por ano. A vasta disponibilidade de serviços de voz em banda larga continua a fazer descer os preços das chamadas das linhas fixas. Actualmente, muitos planos de voz em banda larga oferecem tarifas planas para chamadas a nível nacional ou internacional.

Os assinantes de serviços móveis beneficiaram igualmente da redução de preços entre 2006 e 2008. A média dos preços dos “cabazes” dos serviços móveis da OCDE (um número estabelecido de chamadas e mensagens por ano) desceu 21% para a utilização fraca, 28% para a utilização média e 32% para a o nível de consumo mais elevado no período dos dois anos.

Os preços podem estar em queda mas a composição de chamadas de voz também se está a alterar. O número de minutos de comunicação por telemóvel está a aumentar enquanto que nas redes fixas está a baixar. Na maioria dos países, os dados entre 2005 e 2007 sugerem que as pessoas fazem menos chamadas de casa a partir das redes fixas. Quando as pessoas utilizam as redes fixas verifica-se que, cada vez mais, o fazem para telefonar para utilizadores de telemóveis.

Os preços da banda larga baixaram igualmente no mesmo período de tempo. Os preços da banda larga na OCDE baixaram significativamente nos últimos três anos. Entre 2005 e 2008, os preços baixaram a uma média de 14% por ano para a DSL e 15% para o cabo. Os operadores têm conseguido aumentar as receitas de banda larga atraindo novos clientes e incluindo outros serviços nos pacotes de banda larga, especialmente os de voz.

Em Setembro de 2008, a média dos preços para uma ligação de baixa velocidade (publicitando os downloads a 2 megabits por segundo ou menos) era de 32 dólares americanos por mês. No outro lado da balança, as ligações de banda larga com velocidades de download publicitadas como mais rápidas que 30 megabits por segundo eram em média a 45 dólares americanos por mês.

A Internet está a expandir-se mas os actuais endereços IPv4 estão a escassear

O crescimento das assinaturas de banda larga ajudou a fomentar a expansão da Internet e tem sido igualmente uma das causas dos seus males crescentes. O número de anfitriões de Internet a nível mundial aumentou para

33% compostos anualmente entre 1998 e 2008 para chegar a 540 mil milhões de anfitriões em Janeiro de 2008. Mais de metade de todos os anfitriões (287 milhões) tinham mais um domínio genérico, de nível superior que um associado a um código de país.

As redes nos países da OCDE abarcam a maioria das redes associadas à Internet. Como uma rede de redes, os países da OCDE constituíam 74% das 26 600 redes presentes no total das tabelas de encaminhamento em 2007. Os Estados Unidos possuem a maior quota de redes com um sistema de atribuição autónomo – compreendendo 43% do total mundial nos finais de 2007.

Este crescimento do número de redes, e dispositivos associados a essas redes levou a uma escassez de endereços de Internet únicos utilizados para identificar dispositivos individuais ligados à Internet. Como resultado, existe a necessidade de todos os operadores de redes efectuarem uma actualização para um novo regime de endereços de Internet, protocolo da Internet versão 6 (IPv6). Baseados nas tendências de atribuição, os peritos estimam que os endereços no actual regime (IPv4) se esgotarão em 2011 ou no início de 2012 (Previsões de Janeiro de 2009).

Difusão televisiva em evolução

Os operadores estão a investir muito em redes novas, de banda larga a alta velocidade e tal permite uma experiência audiovisual muito mais rica que as anteriores ligações de banda larga eram capazes de transmitir. Como resultado, o panorama audiovisual está a mudar rapidamente sendo agora o áudio e o vídeo transmitidos através de uma série de várias redes e aparelhos. A televisão já não é a única via de difusão de dados de vídeo uma vez que os consumidores agora visualizam os conteúdos de vídeo numa série de aparelhos.

As emissoras, operadores de telecomunicações (fixas e móveis), fornecedores de serviço de Internet, agregadores de conteúdo, anunciantes e utilizadores são todos partes activas de um novo e convergente mercado. O conteúdo é reempacotado para garantir que é acessível a todas as redes e aparelhos disponíveis. Muitos fornecedores de equipamento electrónico, desde telemóveis a aparelhos de áudio/vídeo portáteis estão igualmente a tentar garantir que os seus utilizadores possam aceder a conteúdos directamente e longe de casa.

A difusão tradicional linear de conteúdos continua a ter uma vantagem em relação aos outros meios de comunicação devido à quase omnipresença dos aparelhos televisivos nos lares. Em média, 95% dos agregados familiares na OCDE têm, pelo menos, um aparelho televisivo. Apenas seis países possuem uma taxa de penetração da televisão nos lares de menos de 90%. Tal facto fornece uma base sólida para as emissoras terrestres, por cabo ou satélite. Simultaneamente, representa um desafio para os novos operadores dos meios de comunicação que tentam atrair a audiência para outros aparelhos.

A televisão tornou-se um Mercado potencialmente lucrativo para os fornecedores de DSL e uma fonte de receitas histórica para proteger os operadores de cabo. Alguns fornecedores de DSL têm tido sucesso ao

utilizarem a televisão em DSL como uma forma de fomentar as suas receitas.

Alterações regulamentares para apoiar o crescimento

A banda larga, e com ela a Internet, é muitas vezes vista como tecnologia de propósito geral tendo um vasto impacto num grande número de indústrias, na interacção social e resultando num leque de serviços inovadores que se difundiram rapidamente em todas as economias. A banda larga é vista como um dinamizador da produtividade e crescimento económico, mas o seu impacto nas economias dependerá da utilização da banda larga pelas empresas e consumidores, o que exige um acesso à banda larga a preços baixos e de boa qualidade. Por outro lado, estes factores estão intimamente ligados à concorrência no mercado.

Os investimentos nas novas redes de fibra irá facultar aos utilizadores finais velocidades muito mais elevadas mas os benefícios para os consumidores pode depender da competitividade dos mercados. Os elevados custos fixos de investimento das novas redes de fibra para os utilizadores significa um limite para o número de redes de fibra competitivas que uma área geográfica específica pode ser capaz de suportar. A concorrência baseada em recursos pode ser difícil de desenvolver nalguns mercados. O investimento em novas tecnologias, como as redes de acesso de nova geração, ocorre principalmente nas áreas urbanas. Existem preocupações sobre as implicações que tal poderá ter ao serem criadas novas divisões digitais geográficas e se as tecnologias alternativas, como a tecnologia sem fios de alta velocidade, são suficientemente adequadas para cobrir áreas rurais e remotas com capacidade suficiente para os serviços emergentes.

Considerando estas preocupações, os quadros regulamentares, que alcançaram uma certa estabilidade e maturidade durante os últimos dez anos, estão, em muitos casos, a ser revistos para garantir que a concorrência prevalece.

© OECD 2009

Este sumário não é tradução oficial da OCDE.

A reprodução deste sumário é permitida desde que sejam mencionados os direitos de autor da OCDE bem como o título da publicação original.

Os sumários são excertos traduzidos das publicações da OCDE, publicadas originalmente em Inglês e Francês.

Encontram-se disponíveis gratuitamente na livraria online da OCDE:
www.oecd.org/bookshop/

Para mais informações, contacte a OECD Rights and Translation unit, Public Affairs and Communications Directorate através do endereço: rights@oecd.org ou através de fax: +33 (0)1 45 24 99 30

OECD Rights and Translation unit (PAC)
2 rue André-Pascal, 75116
Paris, França

Visite o nosso sítio Web: www.oecd.org/rights/

